

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**A ANDRAGOGIA E OS MODELOS DE ENSINO DE TÊNIS PARA
ADULTOS: uma revisão de literatura**

CARLOS EZEQUIEL NUNES

Porto Alegre,

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Carlos Ezequiel Nunes

**A ANDRAGOGIA E OS MODELOS DE ENSINO DE TÊNIS PARA
ADULTOS: uma revisão de literatura**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de
bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar
Abaide Balbinotti.

Porto Alegre,

2013

Carlos Ezequiel Nunes

**A ANDRAGOGIA E OS MODELOS DE ENSINO DE TÊNIS PARA
ADULTOS: uma revisão de literatura**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de
bacharel em Educação Física.

Aprovado em ___ de _____ de _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Francisco da Silva Cardoso

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, gostaria de agradecer àqueles que foram muitos importantes para a construção desta trajetória.

Gostaria de agradecer ao Professor Doutor Carlos Adelar Abaide Balbinotti, pela compreensão e pela sua orientação de forma extremamente qualificada.

Ao colega e Mestre Roberto Klering. À todos os colegas e amigos da ESEF, em especial à Adriana, Aniele Noll, Janaina Dolores, Eduardo Carmona, Eniélson, Rafael Albuquerque.

A todos os professores e funcionários desta Escola, que contribuíram para o meu crescimento.

Ao tênis, modalidade esportiva tão fascinante e que, felizmente, trouxe-me até aqui.

Aos meus alunos, que estiveram comigo nas mais diversas fases. Obrigado pela parceria!

E, agradeço de forma mais encantadora possível à minha mãe Sirlei, minha mais nobre guerreira!

Ao meu filho Noah, meu príncipe guerreiro. Parceiro nesta caminhada cósmica!

Às minhas irmãs Michele e Tatiane, pela relação de amor que temos.

À Vanessa pela parceria amável e por ser minha fonte de inspiração, neste universo acadêmico.

À Sandra, pela parceria e auxílio em diversos momentos.

A todos os meus amigos.

Salve!

RESUMO

O presente estudo tem por tema o ensino do tênis para adultos. Mais especificamente, seu objetivo é ampliar o debate acerca das abordagens metodológicas de ensino existentes para esse público. Para tal, a partir do método de revisão bibliográfica, foi estruturada uma base teórica a respeito do tema. Seus pressupostos baseiam-se nas áreas do conhecimento da Andragogia e da Pedagogia do Esporte. Além disso, conteúdos específicos relacionados à modalidade são trazidos à revisão bibliográfica. Com isso, observou-se que as metodologias contemporâneas para o ensino do tênis para adultos apontam para uma prática na qual a aplicabilidade do jogo se torna o componente essencial no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Andragogia, Tênis, Modelos de Ensino, Adultos.

ABSTRACT

The present study is subject teaching tennis for adults. More specifically, the aim is to broaden the debate on methodological approaches existing teaching for this audience. To do this, from the method of literature review, a theoretical basis was structured on the subject. Their assumptions are based on the knowledge areas of Andragogy and Sport Pedagogy. In addition, specific content related to the modality are brought to the literature review. Thus, it was observed that contemporary methodologies for teaching tennis for adults point to a practice in which the applicability of the game becomes the essential component in the learning process.

Keywords: Andragogy, Tennis, Teaching Models, Adult.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 JUSTIFICATIVAS.....	8
3 OBJETIVOS.....	10
3.1 Geral.....	10
3.2 Específicos.....	10
4 METODOLOGIA.....	11
5 A ANDRAGOGIA.....	12
5.1 Seis Princípios Andragógicos.....	14
5.2 Ciclo Andragógico.....	15
6 MODELOS DE ENSINO DE TÊNIS.....	17
6.1 Contextualização.....	17
6.2 Modelo Tecnista.....	17
6.3 Modelo de Educação Esportiva.....	19
6.4 Ensino dos Jogos para Compreensão (TGfU).....	20
6.4.1 CATEGORIA DOS JOGOS.....	24
6.5 A Experiência da Federação Francesa.....	26
6.6 O MÉTODO PLAY AND STAY.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
8	
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo trata do ensino do tênis para adultos, o que envolve alguns pressupostos gerais da pedagogia e dos conhecimentos específicos do tênis. Este estudo procura, através de uma revisão da literatura, descrever os elementos primordiais que compõem a Andragogia e os aspectos técnicos e táticos da modalidade esportiva. Visa, também, descrever as diferentes concepções a respeito dos métodos de ensino que o treinador pode adotar em sua prática. O estudo contribui, dessa forma, para a formação de professores e procura auxiliar no aprendizado dos praticantes dessa modalidade no Brasil.

O tênis é um esporte de representação mundial. Com um número considerável de praticantes nas mais diferentes faixas etárias. De acordo com números divulgados pela Federação Internacional de Tênis (ITF, 2006), estima-se que aproximadamente um milhão e meio de pessoas pratiquem essa modalidade no Brasil. São números expressivos que colocam o Brasil entre os maiores países em termos de praticantes desse esporte, com relação a valores absolutos, a frente de Rússia e Reino Unido. Esse volume de jogadores deve-se muito ao êxito da Era Guga, em que Gustavo Kuerten, por meio de suas conquistas em uma época de maior exposição midiática, propagou o esporte e conseqüentemente fez com que aumentasse o número adeptos da modalidade.

2 JUSTIFICATIVAS

Segundo Motta (2009), o número de tenistas adultos que se dedica seriamente ao tênis cresce a cada dia. Percebe-se um número expressivo de praticantes inscritos em torneios e rankings de clubes, academias e quadras públicas. Sobre as instituições que regem os torneios, o autor aponta para a existência de competições oficiais, organizadas pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT) e pelas federações regionais. Tanto para a Federação Gaúcha de Tênis (FGT) como para a CBT e a Federação Internacional de Tênis (ITF), as categorias adultas são tão valorizadas e incentivadas quanto as categorias infanto-juvenis. Assim, parece justificável que se pense em modelos de ensino e aprendizagem para essa população.

Há um número maior de trabalhos produzidos que se detêm sobre a população infantil. No entanto, segundo Silva (2009), há muitos jovens e adultos em todo o país inseridos em outro período de desenvolvimento, apresentando dificuldades de iniciar a prática esportiva, em geral devido à carência de oferta de grupos de iniciação esportiva em idade tardia, relacionada, entre outros fatores, à falta de publicações que orientem as organizações promotoras e os profissionais no trato com jovens e adultos iniciantes no esporte. Tal aspecto constitui-se mais uma justificativa para a pesquisa do referido tema.

Outra justificativa que se apresenta é a possibilidade deste estudo vir a se tornar uma referência para professores e alunos, já que ambos são protagonistas na produção do conhecimento. Em uma proposta de educação tradicional, o aluno deve adaptar-se ao que o professor estabelece. Entretanto, na educação de adultos, a escolha das atividades deve levar em consideração as vivências anteriores e as motivações que mobilizam o aluno. Tal ideia é corroborada por Menezes (apud Morales, 1998), ao observar que isso é muito importante, já que o professor ensina sempre, seja intencionalmente ou não, e

tudo o que ocorre em uma aula é relação e comunicação entre professor e aluno: até um gesto ou olhar para um aluno diz algo a ele.

Nesse contexto emerge a seguinte questão central da pesquisa

Quais os pressupostos teóricos e metodológicos que orientam o ensino de tênis para adultos?

Apresentam-se as seguintes questões norteadoras:

- 1) Haverá uma teoria pedagógica orientadora especificamente para adultos?
- 2) Que conhecimentos específicos de tênis são necessários para o ensino de tênis para adultos

Para responder a essas questões norteadoras, o trabalho será estruturado da seguinte forma: No primeiro capítulo, serão abordados os aspectos pedagógicos do tema; no segundo capítulo, a abordagem terá como foco os modelos de ensino do tênis.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Identificar na literatura científica o conhecimento referente as bases teóricas do processo andragógico e os modelos de ensino de tênis para adultos, estabelecendo uma possível relação entre ambos.

3.2 Específicos

- (a) Buscar, na literatura existente, aspectos relevantes relacionados à Andragogia e sua possível aplicabilidade no ensino de tênis;
- (b) Verificar, na literatura, os métodos sobre o ensino que estão em debate na contemporaneidade;

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a Revisão de Literatura. Objetivando um aprofundamento dentro do tema e buscando respostas aos objetivos aqui apresentados, será feita uma revisão da literatura, associada ao método de pesquisa bibliográfica, a qual consiste em pesquisar toda ou parte da bibliografia tornada pública sobre o tema de estudo, incluindo uma série de publicações e trabalhos acadêmicos (MARCONI; LAKATOS, 2006; SALOMON, 2010). Em outras palavras, bibliografia é a relação dos documentos reunidos com a finalidade de servir de fonte de informação (SALVADOR, 1986). A coleta de dados será feita a partir da procura de material bibliográfico em livros, artigos, teses, dissertações e publicações na internet que tenham relação com o tema.

A literatura pertinente, por conseguinte, oferecerá meios para se resolverem não somente os obstáculos já conhecidos como também para se explorarem novas áreas (MARCONI; LAKATOS, 2006). Conforme Marconi e Lakatos (2006), a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre dado assunto, mas propicia o exame de um tema sob uma nova abordagem, podendo chegar a conclusões transformadoras.

O material selecionado será analisado, como prevê Andrade (2009), em uma leitura prévia, para que se obtenham subsídios sobre o conteúdo das obras, seguindo-se uma leitura seletiva com o objetivo de verificar mais atentamente as obras que contenham informações úteis para o estudo e, por fim, uma leitura interpretativa, em que se irão estabelecer relações com os objetivos propostos para o estudo.

Em um último momento, serão apresentadas as considerações finais, nas quais se pretende delinear as limitações e perspectivas do trabalho, além de destacar as principais contribuições que este estudo trouxe para o aprofundamento na área.

5 A ANDRAGOGIA

Os hábitos da população adulta, na sociedade contemporânea, apontam para uma necessidade de se encontrarem práticas que possam contribuir para uma melhor qualidade de sua vida. Segundo Araujo e Araujo (2000), estudos epidemiológicos e documentos institucionais propõem que a prática regular de atividade física e uma maior aptidão física estão associadas a uma menor mortalidade e a melhor qualidade de vida da população adulta. Com a facilidade de acesso às informações e o entendimento de que a prática esportiva produz efeitos benéficos, percebe-se uma procura considerável pela iniciação esportiva por parte desse público.

Entretanto, como afirma Silva et al. (2010), até o momento as pesquisas pouco têm contribuído para o ingresso de adultos na prática de uma nova modalidade esportiva, processo que denominamos 'especialização esportiva tardia', ou seja, o acesso de jovens, adultos ou idosos a um processo de ensino, vivência e aprendizagem de uma modalidade esportiva em um contexto institucionalizado e orientado por um responsável competente. Dessa forma, a educação de adultos passa a ser uma preocupação para os professores de Educação Física no que diz respeito à adoção de uma postura didática compatível com esse público, a fim de potencializar os resultados nas práticas corporais orientadas. Nesse contexto, a andragogia aparece como importante objeto de estudo no que diz respeito ao tema (MOTTA, 2012).

Andragogia é a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender (KNOWLES, 1973). Uma disciplina que busca compreender o sujeito a partir da sua perspectiva biológica e da sua relação social. De acordo com MOTTA (2012), o termo andragogia (do grego *andros* - adulto e *agogos* - guiar, conduzir, educar) foi utilizado pela primeira vez em 1833 pelo professor alemão Alexander Kapp com o objetivo de descrever elementos da teoria da educação de Platão, que exercitava a indagação, a interação e a dialética com pequenos grupos de jovens e adultos. Mas esse esforço caiu no esquecimento, e apenas após a Segunda Guerra Mundial começaram a surgir na Europa e nos Estados Unidos modelos educacionais centrados no adulto.

A pedagogia engloba, por conseguinte, um conjunto de procedimentos cujas linhas iniciais se prendem com a doutrina dos séculos VII a XII, predominante nas escolas monásticas e catedrais europeias, e que se reportava ao ensino de jovens rapazes por parte de mestres religiosos. A principal meta desses professores era doutrinar os estudantes na fé e em rituais da Igreja Católica, e por isso as estratégias e metodologias de ensino assentavam-se na aquisição de conteúdos, em detrimento do desenvolvimento de competências.

A educação de adultos, entretanto, começou a ocorrer de forma organizada somente a partir da década de 20 do século XX. Estudos que mostravam que os adultos têm mais experiência prévia de vida, esquemas de assimilação diferentes, objetivos diversos, aumentaram a discussão em torno da necessidade de se adaptarem as metodologias de ensino para esse grupo (RIZZO, 2002).

Segundo Knowles (1988), com a sistematização da educação de adultos durante os anos 1920, professores de alunos adultos começaram a enfrentar problemas com o modelo pedagógico. Para que se possa compreender o modelo andragógico e o modelo pedagógico, apresentando as suas semelhanças e seus contrastes, Knowles (1988) expõe quatro aspectos a serem considerados.

	Modelo Pedagógico	Modelo Andragógico
Papel da Experiência	A experiência daquele que aprende é considerada de pouca utilidade. O que importa é a experiência do professor.	Os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Em numerosas situações de formação, são os próprios adultos, com a sua experiência, que constituem o recurso mais rico para as suas próprias aprendizagens.
Vontade de Aprender	A disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar, ou seja, a	Os adultos estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para melhor afrontar problemas reais da sua vida

	finalidade de obter êxito e progredir em termos escolares.	pessoal e profissional.
Orientação da Aprendizagem	A aprendizagem é encarada como um processo de conhecimento sobre um determinado tema. Isso significa que é dominante a lógica centrada nos conteúdos, e não nos problemas.	Nos adultos a aprendizagem é orientada para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida cotidiana (o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos).
Motivação	A motivação para a aprendizagem é fundamentalmente resultado de estímulos externos ao sujeito, como é o caso das classificações escolares e das apreciações do professor.	Os adultos são sensíveis a estímulos da natureza externa (notas, etc.), mas são os fatores de ordem interna que motivam o adulto para a aprendizagem (satisfação, autoestima, qualidade de vida, etc.).

Percebe-se, pela interpretação do quadro, que o professor deve ter o discernimento relativo a que método colocar em prática. Os modelos se alternam de acordo com a situação em que se encontra o aluno. O professor deve estar atento para que, ao aplicar o método pedagógico, não mantenha o aluno excessivamente dependente dele, relacionando a progressão das atividades ao nível motivacional em que o sujeito se encontra.

5.1 SEIS PRINCÍPIOS DA ANDRAGOGIA

Os princípios da Andragogia

De acordo com Nogueira (2204), ao longo da sua obra, Knowles (1980, 1990a, 1990b) salienta que a andragogia se baseia em cinco premissas acerca das características dos aprendentes adultos que os diferenciam das crianças.

a) Necessitam saber o motivo pelo qual devem realizar certas aprendizagens.

Nesse sentido, é importante que professor construa as metas com o aprendente e, durante o processo de desenvolvimento, siga

dando *feedbacks* sobre possíveis falhas e evidenciando os resultados esperados.

b) Aprendem melhor experimentalmente.

Os adultos necessitam que a sua aprendizagem seja relacionada a experiências prévias.

c) Concebem a aprendizagem como resolução de problemas.

A ideia aqui estabelecida é a de que as situações possam apresentar desafios, e estes sejam relacionados a melhorias na vida desse sujeito.

d) Aprendem melhor quando o tópico possui valor imediato.

Ou seja, ele tem disposição para aprender, o que dá resultado claro e, preferencialmente, imediato. Dessa maneira, é fundamental demonstrar a aplicação e a utilidade de cada conceito apresentado.

e) Os motivadores mais potentes para a aprendizagem são internos.

A motivação interna (intrínseca) é aquela que leva o indivíduo a procurar alguma atividade por vontade própria (LOPES, 2011). O professor deve conceber o programa de atividades, considerando os desejos que são pertinentes ao aluno.

5.2 CICLO ANDRAGÓGICO

De acordo com Nogueira (2004), as etapas do ciclo andragógico são as seguintes:

- a) estabelecer um clima conducente à aprendizagem;
- b) criar mecanismos para planificação mútua;
- c) diagnosticar as necessidades de aprendizagem;
- d) formular objetivos programáticos que satisfaçam as necessidades identificadas;
- e) elaborar um plano de experiências de aprendizagem;
- f) conduzir as experiências de aprendizagem com técnicas e materiais adequados; e

g) avaliar os resultados da aprendizagem e rediagnosticar as necessidades de aprendizagem.

O professor deve proporcionar um clima saudável, não apenas do ponto de vista arquitetônico, mas também relacionado à esfera psicológica. Deve haver um clima de respeito, de aceitação e liberdade de expressão. Como os adultos são mais profundamente motivados a aprender conteúdos que eles reconhecem como necessários à sua vida, na andragogia a maior ênfase é dada em envolver os adultos aprendizes no processo do autodiagnóstico no processo de aprender (VOGT, 2007).

No modelo andragógico, a responsabilidade de planejar as atividades se dá de forma mútua, para que o aluno possa desenvolver o autodirecionamento. Com relação à condução da aprendizagem, Vogt afirma que, no ensino tradicional, o professor atua como um executor de procedimentos técnicos, fonte de conhecimentos, um questionador; já na andragogia, é mais um catalisador do que um instrutor. A teoria andragógica prescreve um processo no qual o professor despende energia para ajudar os adultos a perceberem seu progresso em relação às metas educacionais. A avaliação também é um comprometimento mútuo, como são todas as outras fases da experiência de aprendizagem do adulto.

Percebemos, ao final deste capítulo, que pelo fato de o adulto estar em um processo de desenvolvimento diferente do da criança, a andragogia se apresenta como um método alternativo ao ensino para essa população. O ensino com adultos deve ser contextualizado, tendo o aluno como um ser ativo e responsável pela aquisição de seu conhecimento. Por se apresentar como um modelo flexível, inclusive em âmbito esportivo, como reforça Motta (2012), na tentativa de adaptar as práticas educativas em Educação Física com o público adulto, a andragogia pode ser uma importante metodologia acessória nesse processo, já que trata especificamente de adultos e de seu modo peculiar de buscar novos conhecimentos.

6 MODELOS DE ENSINO

6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O tênis se constitui uma das modalidades de maior procura para o seu aprendizado por indivíduos adultos. Segundo Cortela et al. (2012), o fato de ser um esporte praticado ao ar livre, associado à facilidade de encontrar parceiros para jogar, faz com que muitos adultos que nunca tiveram contato com a modalidade elejam o tênis como um meio para a obtenção de níveis satisfatórios de atividade física, proporcionando benefícios importantes à saúde, como aponta o estudo de Abes e Uriarte (2010), estando de acordo com as recomendações do American College of Sports Medicine (ACSM) (FERNANDEZ-FERNANDEZ et al., 2009).

De acordo com Greco et al.(2009), em todo o processo pedagógico a proposta metodológica constitui fator decisivo para o sucesso. Assim, fazem-se necessários descrever e refletir sobre os modelos vigentes no ensino do tênis, uma vez que as formas como serão trabalhadas ao longo da aprendizagem podem vir a contribuir de forma decisiva para a compreensão do jogo e a consequente permanência ou não na modalidade.

6.2 MODELO TECNICISTA

O modelo de ensino vigente, seja no ensino de crianças ou no de adultos, tem sido o modelo tecnicista. Este é pautado por aulas nas quais o objetivo é ensinar a técnica e habilidades de forma repetida em busca de uma perfeição na sua execução. Desenvolvem-se os gestos, assim, dissociados do contexto do jogo, partindo-se do princípio de que somente após a aquisição da técnica o aluno terá condições de participar efetivamente do jogo.

Segundo Balbinotti e Paula (2009), as abordagens tradicionais para o ensino do esporte têm, em geral, as seguintes estratégias:

- 1- centralizar o processo de aprendizagem no professor ou treinador;
- 2- utilizar tarefas compartimentadas e repetitivas para aquisição de habilidades específicas, muitas vezes descontextualizadas da prática do jogo;
- 3- enfocar a busca de resultados e prêmios;
- 4- corresponder às expectativas de treinadores, professores, pais e pessoas significativas para o participante, e não necessariamente às deste;
- 5- organizar programas de acordo com a demanda de fatores externos ao contexto esportivo (GRAÇA, 2004; SIEDENTOP, 1994).

Um aspecto relevante de ser abordado é o papel do professor nessas práticas em que ele centraliza o conhecimento e aparece frequentemente emitindo expressões de estímulo aos alunos. Estes, por sua vez, apenas reproduzem os gestos e seguem à risca as ordens do professor. Assim, o professor de tênis mais preparado e experiente para a função determina todas as tarefas; os tenistas, passivamente as executam (BALBINOTTI, 2006). O autor conclui que se prioriza, assim, a transmissão do conhecimento em detrimento da sua construção.

Tais considerações são reafirmadas a partir do estudo de Bolonhini (2009), o qual teve como objetivo fazer a observação das aulas de tênis ministradas em quatro clubes da cidade de Campinas-SP. O sentido dessa observação foi o de constatar quais os conteúdos trabalhados nas aulas e quais os procedimentos pedagógicos utilizados pelos professores.

Em relação aos conteúdos trabalhados durante as aulas, foi possível constatar que a preocupação central, na maioria das aulas, ainda é a de ensinar as habilidades técnicas da modalidade. Outro dado interessante sobre esta pesquisa de campo faz referência à experiência dos profissionais: constatou-se que a maioria dos professores entrevistados não possuía formação acadêmica em Educação Física. Todos eles tinham como referência a sua vivência na modalidade antes de se tornarem professores e acreditavam que o ensino dos elementos técnicos da modalidade corresponde ao principal conteúdo a ser ensinado nas aulas de iniciação esportiva. Assim, é possível

concluir que os professores em questão, e no geral do trabalho de iniciação e formação ao esporte, reproduzem um modelo que aprenderam a partir da sua prática.

6.3 MODELO DE EDUCAÇÃO ESPORTIVA

Segundo Valentini et al. (2009), nessa abordagem, a principal meta da ação pedagógica é promover experiências ricas por meio de movimentos que possibilitem ao estudante desenvolver suas potencialidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais. Essas concepções convergem com o modelo idealizado por Siedentop (1994), que se projeta ao encontro do sentido real da participação dos estudantes. Ou seja, possibilitar vivências afetivas e sociais às aprendizagens. Contrapondo ao modelo clássico, como se refere Graça (2003), o modelo de Educação Esportiva (SE) tem como propósito estabelecer um ambiente propiciador de uma experiência esportiva autêntica, tendo o autor tomado consciência de que a falta de contextualização às abordagens tradicionais é o elemento que corrói o significado das aprendizagens.

A proposta de Sidentop vem numa perspectiva abrangente, seja com relação à população, seja com relação aos espaços. Deve-se, assim, levar em consideração a proliferação das atividades em diferentes níveis de faixas etárias, do indivíduo iniciante ao avançado. O contexto da prática esportiva é também diversificado, podendo ser implementado em escolas, clubes e centros comunitários (GRAÇA, 2004; MESQUITA, 2004). Nesse modelo, é importante que ocorra uma relação equilibrada entre o viés inclusivo e o competitivo, e que da mesma se forma possa promover a participação nas atividades. Por conseguinte, haverá a possibilidade de que todos estejam engajados, dos menos habilidosos aos que dominam melhor o conteúdo.

As regras devem ser adaptadas aos níveis de habilidades motoras e cognitivas dos participantes; os materiais devem ser diversificados; e o espaço físico, adequado. Facilitar-se-á, dessa forma, o sucesso e o prazer na realização dos objetivos do jogo (VALENTINI et al., 2009), que deve ser sistematizado de forma a contemplar a diversidade dos níveis de desempenho

de cada aluno. Este, por sua vez, percebe-se um vencedor quando há sentido no desenvolvimento das aprendizagens, e não apenas um mero reproduzidor das habilidades técnicas.

Segundo a autora, em geral, programas que implementam a proposta do SE enfatizam:

- a) a liberdade de escolha dos participantes sobre determinada prática dentre várias propostas oferecidas pelo programa;
- b) o trabalho realizado em grupo de forma cooperativa;
- c) o reconhecimento do progresso de forma individualizada;
- d) o envolvimento dos alunos com as responsabilidades de organização e liderança; e
- e) o cuidado com os equipamentos.

Através dessas estratégias, cria-se uma abordagem de desenvolvimento mais agregadora, social e inclusiva, respeitando-se, assim, os ritmos individuais dos participantes.

6.4 ENSINO DOS JOGOS PARA COMPREENSÃO (Teaching Games For Understand, TGFU)

Bunker e Thorpe (1986) introduziram a discussão da proposta de ensino pautada no TGFU (BOLONHINI, 2009). O principal objetivo desse modelo é a progressão de capacidades para o jogar por meio do entendimento tático e estratégico do jogo. Conceito este corroborado por Graça e Mesquita (2004; 2004), o modelo de ensino dos jogos para compreensão propõe uma porta de entrada diferente da tradicional via da técnica. A porta da compreensão do jogo, da apreciação dos elementos que fazem dele o jogo que é, da consciência tática do objetivo do jogo e das grandes tarefas para alcançá-lo. Assim, forma-se a possibilidade de se encararem os problemas e de se buscarem soluções para os mesmos, algo associado à tomada de decisões e ao poder executá-las, e ainda à possibilidade de se poderem avaliar os resultados para a melhora da qualidade do jogo.

Graça e Mesquita sugerem a relação desses jogos com quatro premissas pedagógicas: (a) a seleção do tipo de jogo; (b) as alterações do jogo por representação (formas de jogo reduzidas, representativas do jogo formal); (c) a modificação por exagero (modificar as regras do jogo, espaço, tempo, a fim de garantir a atenção dos alunos para determinado problema tático); e, (d) a adaptação da complexidade tática (os problemas táticos do jogo devem estar adequados ao nível dos alunos para que eles possam evoluir na sua capacidade de compreensão e ação no jogo).

O jogo não deve ser interpretado, portanto, como um momento de aplicação de técnicas, mas sim como um contexto de resolução de problemas (BUNKER e THORPE, 1986). Assim, a proposta é de que o ensino se dê a partir de jogos reduzidos, com o objetivo de adaptar o aprendente aos diferentes níveis de habilidade e compreensão. Esses jogos modificados são o centro das aulas de iniciação esportiva, são a base sobre a qual se dá o processo de construção de conhecimentos do jogo (BOLONHINI, 2009).

Frente a essas questões, os professores devem estar atentos à contextualização do jogo e aos ensinamentos que podem ser agregados à formação do aluno, levando-se em consideração os aspectos táticos, a tomada de decisão e a relação entre os elementos técnicos/táticos. Nesse sentido, Thorpe e Bunker (1986) observam que o ensino do jogo procede por fases que configuram as tarefas de ensino e aprendizagem. O modelo perfaz seis fases de um ciclo, assim representado:

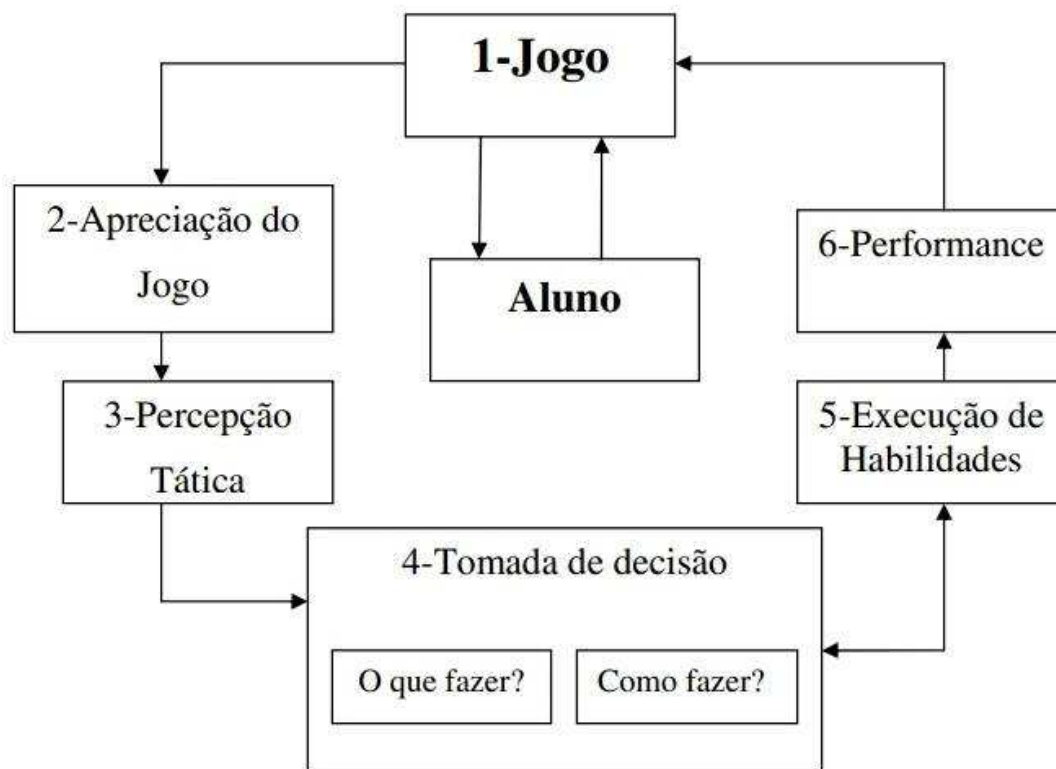


Figura 1- Modelo proposto por Bunker e Thorpe (1986), p. 6

O jogo, assim configurado, corresponde a um momento interessante por proporcionar situações variadas e imprevisíveis (BOLONHINI, 2009).

Segundo Paes (2001), é também importante que o jogo seja utilizado com um facilitador pedagógico no processo de iniciação esportiva. Segundo o autor, o desafio inerente oferece a possibilidade de se acentuar o aspecto lúdico de uma prática esportiva, o que envolve aspectos sociais, culturais, psicológicos, cognitivos, emocionais. Com relação à Apreciação do Jogo, este aspecto está relacionado às suas regras, ao modo como está estruturado e como funciona. O aluno, portanto, deve entender a estrutura do jogo e as habilidades que competem ao mesmo. Sobre o elemento seguinte, a Percepção Tática, uma vez compreendidas as regras, é importante que se percebam as possibilidades estratégicas que podem ser aplicadas, tais como posicionamento de defesa e de ataque. Cabe ao professor trazer à tona

elementos de diversas modalidades para que se estabeleça uma relação entre as mesmas, o que permitirá ao aprendiz uma produção de conhecimento.

Segundo Bunker e Thorpe (1987), o conceito de Tomada de Decisão está relacionado às questões o que fazer e como fazer. Com relação à primeira, Bolonhini (2009) ressalta que ela envolve a capacidade de percepção do aluno em relação aos diversos elementos do jogo, em prever as possíveis jogadas do adversário e, a partir desses elementos, tomar decisões durante o jogo. Com relação à segunda questão, é estabelecida uma associação entre o gesto técnico, o contexto do jogo e aquilo que caracteriza o aluno.

Finalmente, na sexta fase, a da Performance, o modelo indica a relação de todas as fases anteriores. É através da contextualização do jogo que o aluno sentirá a necessidade de desenvolver as habilidades técnicas e, assim, possa classificar a sua performance.

Com o objetivo de possibilitar o acesso do aluno às demandas do jogo, apresentaram-se algumas adaptações baseadas em quatro princípios pedagógicos utilizados pelo TGFU: **seleção do tipo de jogo** (articulação coerente das formas de jogo com a finalidade de facilitar o desenvolvimento da aprendizagem e a transferência de estratégias de leitura entre jogos com princípios em comum); **modificação do jogo por representação** (apresentação de formas simplificadas e reduzidas do jogo que mantenham a essência das estruturas táticas que o configuram, devendo as mesmas serem uma representação do jogo formal); **modificação do jogo por exagero** (manipulação das regras, do espaço e do tempo de jogo na tentativa de oportunizar um maior número de confrontos com determinadas situações táticas ou para o desenvolvimento de ações motoras específicas); **ajustamento da complexidade tática** (seleção e progressão das situações de jogo objetivando ajustar os problemas táticos ao repertório motor dos alunos para que os mesmos consigam incrementar e atuar efetivamente durante o jogo) (HOLT et al., 2002, *apud* GRAÇA; MESQUITA).²

Para que não se estabeleçam reflexões apenas no plano teórico, a proposta pedagógica do TGFU propõe que os professores desenvolvam atividades em que os alunos associem o movimento ao processo de aprendizagem. Assim, de forma ativa, os alunos podem refletir sobre a sua prática. Nessa perspectiva, o modelo se revela como uma proposta multifatorial, envolvendo elementos cognitivos e afetivos. Através do jogo, o aluno tem a possibilidade de estabelecer uma relação entre emoções, pensamento, linguagem e ação.

No modelo TGFU, a relação de aprendizagem se estabelece no professor e no aluno. O crescimento é de ambos, uma vez que o papel do aluno não é o de ser mero reproduzidor das atividades apontadas pelo professor. Ele deve ser estimulado a participar ativamente na elaboração das atividades e na avaliação do desenvolvimento das mesmas.

Uma alternativa para o desenvolvimento dessas potencialidades descritas acima são os jogos reduzidos. Momento em que o aluno pode perceber os elementos congruentes entre os dos jogos adaptados e a estrutura do jogo formal. Ao aluno deve ser apresentada a possibilidade de relacionar os diversos elementos que compõem o jogo, de ordem técnica e tática. Por exemplo, por meio da vivência de jogos reduzidos, como hóquei, tênis-vôlei, fut-tênis, em que o aluno possa adquirir as noções espacial e temporal, elementos que fazem parte de muitos esportes coletivos.

6.4.1 CATEGORIA DOS JOGOS

Segundo a proposta do TGFU, os jogos podem ser divididos em quatro categorias. São elas: Jogos de invasão, Jogos de rede/parede, Jogos de arremesso/ rebatida e Jogos com alvo. Hopper (1998) salienta que os jogos de uma categoria possuem premissas táticas, as quais apontam no mesmo sentido com relação à estrutura e à funcionalidade dos jogos.

Segundo Graça e Mesquita (2004), as formas básicas de jogo são versões modificadas do jogo formal, apropriadas ao nível de jogo dos alunos e que permitem que eles exercitem as suas competências motoras, cognitivas e

sociais. Hopper (1998) produziu uma tabela descrevendo as premissas táticas das quatro categorias dos jogos:

JOGOS COM ALVO	JOGOS DE REDE/PAREDE	JOGOS DE ARREMESSO/REBATIDA	JOGOS DE TERRITÓRIO/INVASÃO
1- Mirar o alvo	1-Consistentemente retornar o objeto	1- Rebatida: pontuar Arremesso: impedir que o adversário pontue	1- Com bola: pontuar Sem bola: evitar que o adversário pontue
2- Posicionamento em relação ao alvo	2- Posicionamento em relação ao objeto	2- Rebatida: Precisão na rebatida Arremesso: Dificultar a rebatida do adv.	2- Com bola: invadir Sem bola: evitar invasão
3- Efeito ou curvatura	3- Efeito e força gerados no objeto	3- Rebatida: Evitar ser excluído Arremesso: tentar excluir o adversário	3- Com bola: manter a posse da bola Sem bola: recuperar a posse da bola

Figura 2- Quadro de princípios táticos, sugerida por Hopper (1998), p. 5

Opondo-se à metodologia analítica, o TGFU propõe que inicialmente seja adquirida a experiência tática em detrimento das habilidades técnicas. É importante que durante as aulas os alunos compreendam a funcionalidade do jogo e possam aplicar a técnica de acordo com o contexto. O tênis revela-se uma modalidade de dimensões complexas, onde há muitas variações de jogadas de difícil previsibilidade. Essas situações demandam criatividade e rápidas tomadas de decisões. Assim, esse ambiente aproxima-se da proposta pedagógica do TGFU, utilizando-se os jogos reduzidos para que o aluno compreenda os fundamentos do esporte a ser desenvolvido.

6.5 A EXPERIÊNCIA DA FEDERAÇÃO FRANCESA

Por volta do ano 2000, a Federação Francesa de Tênis realizava mudanças na sua metodologia de ensino com o objetivo de que esta fosse mais efetiva e pudesse adaptar-se melhor aos praticantes Bothorel (2000). Já que a fase inicial ao tênis denotava uma grande dificuldade para a execução dos gestos e um número expressivo de abandono, havia a necessidade de mudanças. Esse processo iniciou muito antes, com o Minitênis, jogo reduzido, com o tamanho da quadra e os materiais adaptados. Segundo o autor, tais conceitos permitiram ótimos resultados com crianças e jovens, tornando-se necessário pensar o ensino para adultos.

O método desenvolvido para este programa para adultos centra-se na noção de jogo e na obtenção de resultado imediato. Para que isso ocorresse, foi necessário adaptar o tamanho da quadra e alterar a pressão das bolas. Assim, o iniciante teria um aprendizado mais dinâmico e motivador, de forma gradual, ou seja, respeitando o seu ritmo. Com relação ao programa de desenvolvimento para adultos, Delaigue (2007) descreve algumas orientações às quais o professor deve estar atento:

- a) o professor deve pedir aos principiantes que tentem trocar bola a partir da linha de base. Os jogadores perceberão que não será possível passar muitas bolas seguidas, então deve se sugerir que joguem em condições reduzidas. Eventualmente algumas pessoas conseguirão golpear as bolas a partir da linha de base, porém não é o mais comum;
- b) quando direcionar-se a adultos, evitar palavras como minitênis, pois associam a algo simplório e infantil;
- c) é importante explicar aos jogadores que o objetivo dessa metodologia não é proporcionar um ensino de menor qualidade nem utilizar formatos adaptados indefinidamente e, sim, fazê-los progredir o quanto antes e nas melhores condições possíveis até chegar a quadras de tamanho normal e jogar com bolas de tamanho normal. Por isso, é necessário se fazerem mudanças constantes nas condições de jogo para que os jogadores possam medir suas melhoras;

- d) em cada aula, o professor deve combinar situações de aprendizagem com jogos para que a experiência seja mais divertida;
- e) a utilização de bolas mais leves possibilita o ensino de todos os golpes desde o início, incluindo voleios, smashes e approachs. O medo que o principiante pode sentir quando sobe à rede e joga com uma bola normal desaparece quando joga com uma mais lenta e leve;
- f) a utilização do material de tênis progressivo não é suficiente. O professor deve esforçar-se para cumprir as expectativas dos jogadores. Cada jogador tem suas razões por que pratica o tênis. Alguns querem melhorar sua técnica, enquanto outros se satisfazem em fazer uma atividade física ou melhorar e poder jogar torneios. Os professores devem organizar os grupos de acordo com o desejo dos jogadores;
- g) o tênis de descobrimento: este programa direciona-se para que os iniciantes comecem a divertir-se imediatamente e melhorem o seu ritmo. Com o tempo, os participantes são capazes de jogar uma partida em condições modificadas. Isso é obtido porque se respeita a progressão de cada jogador nas sessões em grupo (por exemplo, utilizando diferentes tipos de bola, de acordo com o nível do aprendiz);
- h) o tênis “fitness” é elaborado para melhorar o condicionamento físico, mediante a combinação de exercícios de tênis e exercícios físicos em circuito em uma quadra. Esses circuitos, que normalmente utilizam escadas de agilidade, cones e cercas, normalmente acontecem na lateral da quadra. As condições dos exercícios devem ser modificadas para garantir maior êxito, sem limitações técnicas. Quanto mais lenta for a bola, mais intensa será a atividade física. Portanto, antes de começar, o professor deve certificar-se de que os alunos não possuem nenhuma restrição médica;
- i) o tênis de Alto Rendimento é um programa configurado para ajudar os jogadores avançados a melhorarem seus aspectos técnicos, físicos e mentais. O uso de bolas de transição permite que os jogadores experimentem novas sensações e trabalhem aspectos do jogo, como golpear com efeito, golpear de bate-pronto, etc. Alguns professores podem organizar sessões de treinamento com temas específicos, como melhorar o segundo saque, melhorar o jogo de rede, etc.; e

j) uma ou duas vezes por ano devem ser organizadas atividades divertidas: golpear com efeito para trás, utilizar golpes pouco habituais, como “gran willie”, jogar partidas de duplas apenas com uma raquete, etc.

Percebe-se, pela proposta da Federação Francesa, que o foco do modelo de ensino são as expectativas dos jogadores. Dessa forma, inverte-se a lógica segundo a qual o jogador deve se submeter às restrições técnicas da modalidade, para, assim, adaptar-se o jogo aos desejos e às condições técnicas dos jogadores.

6.6 O MÉTODO PLAY AND STAY

Atenta às dificuldades de aquisição e ao desenvolvimento da técnica na fase inicial de aprendizagem do tênis e aliado ao abandono da modalidade, a Federação Internacional de Tênis lança, em 2007, o programa intitulado Play and Stay. Esse modelo proposto tem a finalidade de, segundo Miley (2007), fazer com que o aluno jogue já nos primeiros contatos com a bola ao sacar, trocar bolas e pontuar.

Assim como seu antecessor, o Minitênis, o Play and Stay desenvolve sua metodologia baseado em jogos reduzidos, em quadras com dimensões variadas, além da utilização de materiais adaptados. Algo que nos remete às concepções centrais que discorrem o TGFU, transpassando a prática estes conceitos através do Play and Stay.

Crespo e Unierzyski (2007) realizaram uma análise desses métodos e apontam suas similaridades entre os métodos Play and Stay e o Minitênis utilizado na Europa. Os autores apresentam as características que garantiram o sucesso dessa nova proposta de ensino deste esporte. É destacado pelos autores que, mesmo com nomenclaturas diversas, os métodos assemelham-se por estarem focados em situações de jogo. Com relação à quadra e ao material utilizado, de forma progressiva o Play and Stay está sistematizado a partir do seguinte modelo:

ETAPA 3

Quadra: 11m de comprimento e 5-6 de largura, a altura da rede deve ser de aproximadamente 80cm;

Bolas: de esponja ou feltro, são maiores e mais lentas que as normais;

Raquetes: entre 41 e 58 cm, dependendo do tamanho e da força do jogador.

ETAPA 2

Quadra: têm 18m de comprimento e entre 6,5m e 8,23 m de largura. A altura da rede é entre 0,80cm e 0,91cm;

Bolas: são de baixa compressão, cerca de 50% mais lentas que uma bola normal;

Raquetes: o tamanho varia entre 58 e 63 cm, dependo do tamanho e da força do jogador.

ETAPA 1

Quadra: possui as mesmas medidas de uma quadra de tamanho normal;

Bolas: de baixa compressão, cerca de 25% mais lentas que uma bola normal;

Raquetes: variam entre 63 cm e 68 cm, dependendo da altura e da força do jogador.

Com a progressão das etapas, o jogador tem a possibilidade de aquisição de um vasto repertório técnico e pode implementar táticas avançadas, pois, em função das condições adaptadas, consegue cobrir a quadra e escolher a melhor a solução para os problemas. Durante a etapa 1, é possível fazer jogos de duplas, utilizando-se toda a dimensão da quadra, estimulando-se os jogadores a executar os golpes de rede e, por conseguinte, aumentar a variedade de golpes táticos.

Com relação às habilidades técnicas, mais uma vez salientam-se os conceitos do TGFU, já que o desenvolvimento da aprendizagem e dos gestos deve estar de acordo com as situações do jogo.

Na realidade, cada situação de jogo requer diferentes golpes e movimentos, para isso, quando o treinador tem de ajudar seu atleta a aprender o tênis, precisa estar concentrado nas intenções táticas e nos fundamentos biomecânicos para conceber a técnica como um meio de executar a tática com mais eficácia (CRESPO; REID, 2002).

Assim como o TGFU, o modelo Play and Stay referencia-se em princípios de ordem construtivista. Portanto, o papel do aluno na construção do conhecimento é extremamente relevante e cabe ao professor estimulá-lo. Com relação à participação do aluno, convém ressaltar que, por meio desse estilo, que dá maior ênfase aos aspectos cognitivos, o aluno não apenas decide a forma de resolver a tarefa e o ritmo de execução como também participa intelectualmente na busca de soluções para os problemas surgidos: procura, compara e descobre por si mesmo, embora guiado pelo professor (FUENTES, 2009).

Frente aos apontamentos descritos acima, o modelo de ensino do Play and Stay surge como uma alternativa para desenvolver a iniciação ao tênis e colaborar para a adesão de novos praticantes. Isso é possível, pois a sua proposta metodológica está de acordo com os princípios do TGFU, sendo o ensino focado na compreensão do jogo e processado em jogos adaptados. Assim, torna-se mais motivador participar das atividades, uma vez que estas são orientadas para as necessidades do aprendente, permitindo tanto a adultos quanto a crianças terem a possibilidade de, nos primeiros contatos com a bolinha, sacar, trocar bola e pontuar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou trazer à tona, por meio da revisão bibliográfica, elementos que pudessem estabelecer uma relação entre os conteúdos referentes à Andragogia e os componentes que norteiam os modelos de ensino do tênis para adultos, subsidiando, dessa forma, a prática docente.

Primeiramente, foi possível descobrir que adultos possuem modelos de aprendizagem preestabelecidos, decorrentes das suas experiências anteriores, sejam formais ou não. Os adultos, no entanto, estão propensos a aprender conforme suas motivações, estas mais intrínsecas do que extrínsecas. Cabe, portanto, ao professor, enquanto facilitador desse processo de conhecimento, estar atento a tais considerações. É de fundamental importância para o êxito na relação aluno-professor e para que se alcancem os objetivos pretendidos que o primeiro considere as experiências de vida do seu orientado.

Em um segundo momento, constatou-se, na literatura pesquisada, que há um movimento ascendente de procura de adultos por aprendizagem e treinamento em tênis. Concomitante a esse fato, verifica-se uma mudança nos modelos de ensino dessa modalidade de esporte, ou seja, evoluiu de um modelo que prioriza essencialmente o aspecto técnico descontextualizado do jogo para um modelo que prioriza, essencialmente, a aprendizagem a partir do entendimento, do jogar. Este movimento de transformação não ocorre apenas para a formação da população adulta como, também, para a de crianças e jovens. Recentemente em instituições como a International Tennis Federation (ITF), com representação em praticamente todo o planeta, os modelos de ensino passaram a ser objeto de estudo, pois se verificou a ocorrência de um número expressivo de abandono dos praticantes que se iniciavam na modalidade.

Um terceiro ponto a se ponderar é o fato de haver diversos pressupostos na andragogia, os quais estabelecem relação com os modelos de ensino de tênis contemporâneos. Por exemplo, “o autoconceito dos adultos é fortemente dependente de um movimento para a autodireção”, que se assemelha com uma das diretrizes que propõe a teoria do TGFU, conforme a qual o aluno deve

ser estimulado pelo professor a ser agente na construção e no desenvolvimento do conhecimento. Assim, o crescimento é de ambos, já que dessa forma é desarticulada a possibilidade de o aluno vir a ser um mero reprodutor das atividades propostas pelo professor.

Outro elemento interessante a ser ressaltado é o Teaching Games For Understand, o TGFU, uma proposta pedagógica elaborada nos anos 80 cuja teoria serviu de base para o surgimento de modelos de ensino, como o Minitênis. Essa metodologia auxiliou a fomentar o tênis em países europeus como França, Inglaterra e Alemanha, ganhando força em países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil, através do Play and Stay.

Por fim, cabe evidenciar a necessidade de mais trabalhos que se referenciem nessa população, já que a maioria das produções acadêmicas é vinculada ao público infantil. Espera-se que este estudo tenha contribuído para as questões que cercam o debate a respeito dos modelos de ensino vigentes, mais especificamente aqueles em que é abordado o ensino de tênis para a população adulta.

8 REFERÊNCIAS

ABES, Laurent Olivier; URIARTE, José Fabian Castro. Tênis e saúde óssea. 2010. <http://www.efdeportes.com/efd141/tenis-e-saude-ossea.htm>

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. As teorias principais da andragogia e heutagogia. In LITTO et. al. Educação à distância: o estado da arte. São Paulo: Prentice Hall, 2009. p.105-111.

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009
 ARAUJO, Denise Sardinha Mendes Soares de; ARAUJO, Claudio Gil Soares de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 6, n. 5, Oct. 2000 .

BALBINOTTI, C. O ensino do tênis de campo: o processo de aprendizagem progressiva. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 399-407.

BOLONHINI, Sabine Zink. Pedagogia do esporte e a iniciação ao tênis de campo: um estudo nos principais clubes de São Paulo / Sabine Zink Bolonhini. - Campinas, SP: [s.n], 2009

BOTHOREL, W. (2000). The tennis programme for adults in France, *ITF Coaching and Sports Science Review* 21, 10-11.

BUNKER; THORPE. The curriculum model. **Rethinking Games Teaching**, Loughborough University Of Technology, p.7-10, outubro 1986.

CORTELA et al. INICIAÇÃO ESPORTIVA AO TÊNIS DE CAMPO: UM RETRATO DO PROGRAMA *PLAY AND STAY* À LUZ DA PEDAGOGIA DO ESPORTE, **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. 2, p. 214-234, maio/ago. 2012

CRESPO, M.; REID, M. Coaching Beginner and Intermediate Tennis Players, ITF. London, 2009
 RABELO, José Adriano. Pedagogia e Andragogia na Sala de Musculação. **Efdeportes.com-revista digital**. Ano 10. N. 94. 2006. Disponível em www.efdeportes.com acesso em 05/2013.

Delaigue, N. Working with adult beginners: 10 golden rules. *ITF Coaching and Sports Science Review*, 42, 15. 9 (2007)+

DRAGANOV, Patrícia Bover; FRIEDLANDER, Maria Romana; SANNA, Maria Cristina. Andragogia na saúde: estudo bibliométrico. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Mar. 2011.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000100021&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Oct. 2013
NOGUEIRA, Sonia Mairos. A andragogia: que contributos para a prática educativa? **Linhas**. Vol. 5, N.2. Florianópolis, 2004.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TÊNIS (ITF). **Tennis beyond 2000**
Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/tenisbrasil/especiais/tenis2000.htm>>. Acesso em 17 de Dezembro de 2013

FERNANDEZ-FERNANDEZ et al.: "A comparison of the activity profile and physiological demands between advanced and recreational veteran tennis players". J Strength Cond Res. 2009 in ITF Coaching and Sport Science Review 2009; 16 (47): 13 – 16.

RIZZO, Raquel. Aprendizizes adultos, sujeitos multi referenciais nos serviços de saúde.
Curitiba: UFRGS, 2002.

. FUENTES, J. P. Métodos de ensino e destreza de comunicação no ensino do tênis. In: BALBINOTTI, C. et al. **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRAÇA, A.: O desporto na escola: enquadramento da prática. In. GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2004.

GRECO, J. P.; SILVA, S. A.; ABURACHID, L. C. Iniciação esportiva universal: uma escola da bola aplicada ao tênis. In: BALBINOTTI, C. et al. **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009a. p. 80-97.

HOPPER, T. (1998). **Teaching games for understanding using progressive principles of play**. 1998.

KNOWLES, Malcolm Shepherd. **The Modern Practice of Adult Education: From Pedagogy to Andragogy**: Cambridge Book Co. 1988.

LOPES, Marcos Levi. **Autodeterminação no esporte: O modelo dialético da motivação intrínseca e extrínseca** - Tese (doutorado) - Escola de Educação Física. UFRGS. Porto Alegre, 2011.

MESQUITA, I. Refundar a cooperação escola-clubes no desporto de crianças e jovens. In: GAYA, A.; TANI, G. (Org.). Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2004.

MILLEY, D. Tennis: play and stay. **ITF Coaches Review**, v. 42, p. 2-3, 2007.

PAULA, Patrícia; BALBINOTTI, C. A. A. Iniciação ao tênis na infância: os primeiros contatos com a bola e a raquete. In: Carlos Adelar Abaide Balbinotti (Org.). O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2009 p. 15-28.

VOGT, Maria Saleti Lock. Os princípios andragógicos no contexto do processo ensino-aprendizagem da fisioterapia. Disponível em:
http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=239

SILVA, R. M. P. **Pedagogia do esporte**: iniciação tardia em basquetebol. 2008. 40f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

UNIERZYSKI, P.; CRESPO, M. Review of modern teaching methods for tennis. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**. v. 7, n. 3, p.1-10. mai. 2007.

